

Os efeitos das reflexões de Ferdinand de Saussure nos estudos da linguagem: uma entrevista com Valdir do Nascimento Flores e Carmem Luci da Costa Silva

Por Carolina Knack¹



Valdir do Nascimento Flores é Professor Titular em Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui Graduação e Mestrado em Letras pela UFRGS, Doutorado em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e dois Pós-doutorados: um sob a direção de Dominique Ducard, na Université de Paris XII-Val-de-Marne, e outro sob a direção de Claudine Normand, na Université de Paris X - Nanterre. É professor/orientador do Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS. Os temas de suas pesquisas circunscrevem-se a dois campos: a Fonoaudiologia e a Linguística da Enunciação. Foi professor convidado na École Normale Supérieure (Paris/França), onde ministrou um curso sobre a Recepção de Saussure e Benveniste no Brasil. Ministrou aulas também na Université de Paris III, como professor convidado.



Carmem Luci da Costa Silva é Professora Associada em Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras pela UFRGS. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, credenciada na linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas. Orientadora de mestrado e de doutorado, com atuação nos seguintes temas: teorias enunciativas, com ênfase nas perspectivas de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot; aquisição e ensino de língua materna; análises textuais; leitura e produção de textos. Coordenou, de 2010 a 2015, o Projeto Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa no âmbito do Programa de Apoio à Graduação (PAG) da UFRGS.

Primeiras palavras

No ano em que se comemora o centenário da publicação do clássico *Curso de Linguística Geral* (1916), de Ferdinand de Saussure, cabe dedicar um espaço renovado de reflexão em torno das ideias desse linguista, cujos efeitos são percebidos em distintas áreas do estudo da linguagem. Como se sabe, o *Curso de Linguística Geral* é uma obra póstuma organizada por dois linguistas, Charles Bally e Albert Sechehayé, a partir de anotações de alunos que assistiram a três cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure na Universidade de Genebra: o primeiro curso ocorreu de 1906 a 1907, o segundo de 1908 a 1909 e o terceiro de 1910 a 1911.

¹ Carolina Knack é professora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialização em Estudos Linguísticos do Texto (UFRGS), Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem, pela linha de pesquisa Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas (UFRGS). Desenvolveu seus estudos de pós-graduação na área da Linguística da Enunciação, especificamente na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, sob orientação de Valdir do Nascimento Flores (Especialização) e Carmem Luci da Costa Silva (Mestrado e Doutorado).

Apoiando-se em cadernos de alunos e em anotações do próprio Saussure, Bally e Sechehaye buscaram reconstituir, com base no terceiro curso, os ensinamentos do mestre suíço, falecido em 1913. Tal é, em linhas gerais, a gênese da obra que se configurou em um clássico da Linguística Moderna.

Mas o legado saussuriano não se resume ao *Curso de Linguística Geral*. Há outras fontes por meio das quais se pode aceder às ideias do linguista, como cartas e manuscritos, apenas para citar alguns exemplos. Mais recentemente, a obra *Escritos de Linguística Geral* (2002), organizada por Simon Bouquet e Rudolf Engler e publicada no Brasil em 2004, reuniu manuscritos de Saussure, alguns inéditos.

Ainda assim, como defendem Fiorin, Flores e Barbisan, em introdução à obra *Saussure: a invenção da linguística* (2013), o *CLG* é o clássico considerado como o discurso fundador para a Linguística. E, como clássico, é um livro que nunca termina de dizer o que tem para dizer, afirmam os autores, inspirados em Ítalo Calvino. Esta entrevista, proposta aos professores Valdir do Nascimento Flores e Carmem Luci da Costa Silva, mostra, portanto, “por que ainda ler Saussure” nos dias atuais.

PROFESSOR VALDIR DO NASCIMENTO FLORES (UFRGS)

CAROLINA KNACK (CK) - Recentemente, o senhor organizou, em conjunto com a professora Leci Borges Barbisan (PUCRS) e o professor José Luiz Fiorin (USP), a obra intitulada *Saussure: a invenção da linguística* (Editora Contexto, 2013). Em seu entendimento, em que medida Saussure inventou a Linguística?

VALDIR FLORES – O título da obra faz referência ao livro de Gérard Dessoins, *Émile Benveniste: l'invention du discours*, no qual Dessoins defende que Benveniste é o inventor da noção de discurso, na medida em que tal noção – cujo sentido é, na teoria de Benveniste, distante daquele que tem na tradição retórica – indica, em Benveniste, uma nova possibilidade de se fazer linguística, uma linguística preocupada com o discurso e não apenas com as formas.

Nesse sentido, Saussure seria também um inventor, o da linguística. Saussure não foi o primeiro a pensar sobre a linguagem – isso, nós bem sabemos, é tema de reflexão desde o começo dos tempos –, mas foi o primeiro a se interrogar sobre o estatuto da linguística frente às outras áreas do conhecimento.

Em sua primeira conferência na Universidade de Genebra, em 1891, ele se interroga sobre a utilidade da linguística e exclui, de começo, que, para justificar a existência do estudo da linguagem, se tenha que demonstrar a utilidade da linguística para outros campos. Para ele, tal

demonstração implicaria a recusa de um objeto próprio à linguística. Então, ele pergunta se a linguística teria um objeto próprio. Em resposta, ele considera que, não sendo a linguagem diretamente acessível como faculdade, é mais importante pensá-la nas línguas. Ou seja: o estudo da linguagem como fato humano estaria contido no estudo das línguas.

Saussure supõe, já nesse tempo – mais de quinze anos antes dos famosos cursos que deram origem ao *Curso de linguística geral (CLG)* –, uma interdependência entre linguagem e línguas. O mais interessante é que, ao longo dessa reflexão, Saussure passa das línguas à língua. Isto é: a faculdade da linguagem humana, na visão saussuriana, deveria ser estudada em sua realização nas línguas, o que permitiria o estudo de princípios que constituem a língua e, por conseguinte, uma língua. Saussure, na *Conferência*, alterna *línguas* e *linguagem* e, a partir disso, constrói a ideia de *língua*, como um conjunto de princípios advindos da observação das línguas.

Enfim, o objeto da linguística se mostraria ao linguista a partir do seguinte raciocínio: sendo a linguística *o conjunto dos estudos relativos ao falar humano* – essa formulação é de Saussure na primeira Conferência –, esse estudo somente poderia se dar pelas *línguas* para, a partir delas, chegar-se à *língua*. Língua, então, é a generalização de princípios que advêm do estudo das línguas. Eis o objeto!

Ora, a lembrança dessa reflexão é, para mim, argumento suficiente para afirmar que Saussure sempre se preocupou com o estatuto da linguística frente ao que se fazia em sua época, nos estudos da linguagem e fora dele. É por isso que podemos considerar que Saussure “inventou” a linguística, na medida em que ele refletiu sobre o seu estatuto como ciência.

Ao fazer isso, Saussure, evidentemente, não se limitou ao discurso da ciência. Ele encontrou tanto a estudar que não deixou de se surpreender com o conjunto dos fenômenos que constituem o objeto da linguística. Isso o faz afirmar, no *CLG*, que em nenhuma parte o linguista encontrará o objeto da linguística integralmente.

Em uma famosa carta escrita a Antoine Meillet, em 1894, reunida no número 21 do *Cahiers Ferdinand de Saussure* por Émile Benveniste, Saussure manifesta seu total desacordo com o que havia, em seu tempo, no campo da linguística, o que o leva a colocar como tarefa mais urgente *mostrar ao linguista o que ele faz*.

Benveniste, em um texto deslumbrante, publicado em 1963, no número 20 do *Cahiers Ferdinand de Saussure*, dirá que o “drama de Saussure” transformou a linguística, uma vez que o forçou a forjar novas ordens para os fatos de linguagem. Benveniste fala ainda na solidão de Saussure frente à tarefa que este se impunha. Essa tarefa permanecerá a mesma, inclusive quando das aulas na Universidade de Genebra, que darão origem ao *Curso de linguística geral*. Nelas, vemos o mesmo Saussure insatisfeito com a linguística de seu tempo, buscando ordenar o já

consagrado e a definir o que faltava para dar à linguística um estatuto disciplinar compatível com a natureza complexa de seu objeto.

Por tudo isso, parece-me adequado dizer que Saussure inventou a linguística que temos hoje.

CK – Sabemos que o pensamento saussuriano influenciou grandes linguistas na Europa, como Roman Jakobson e Émile Benveniste. No caso do Brasil, como o senhor percebe a recepção das ideias de Saussure?

VALDIR FLORES – Para responder a essa questão é importante ter em mente dois pontos: em primeiro lugar, falar na *recepção* de um pensamento significa contar uma história, quer dizer, contar a história de determinadas ideias em um contexto institucional e mesmo epistemológico que não necessariamente coincide com o contexto no qual essas ideias foram concebidas; em segundo lugar, significa assumir um ponto de vista para contar essa história, o que implica aceitar que o narrador ocupa um lugar muito singular nessa narrativa. É por isso que, eu acredito, a minha interpretação acerca desse tema pode não coincidir – e creio mesmo que não precisa coincidir – com qualquer outra opinião sobre a recepção de Saussure no Brasil.

Então, para compreender como Saussure e o *Curso de linguística geral (CLG)* – já que vivemos o centenário de publicação da obra póstuma – foram recebidos no Brasil, é preciso compreender a singularidade brasileira do que chamo de “contexto institucional e epistemológico”. Em outras palavras, é preciso entender que falar na *recepção* de Saussure no Brasil é tentar remontar uma história que não coincide com a recepção de Saussure na França, por exemplo. No Brasil, as coisas aconteceram de outra maneira.

Vou tentar ilustrar rapidamente o que estou querendo dizer. Em um excelente livro intitulado *Histoire des idées sur le langage e les langues*, Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier e Christian Puech explicam, a propósito da recepção do *Cours de linguistique générale* na França, que, no século XX, os linguistas ligam-se a Saussure ou por *filiação*, ou por *formação*, ou por *reação*. Os autores lembram, ainda, que o *CLG* não foi propriedade exclusiva de linguistas, o que possibilitou, na França, ou uma leitura “ativa” ou uma leitura “reativa” do/ao *CLG*. Colombat, Fournier e Puech falam, assim, em quatro recepções do *CLG*: a primeira, relativa à primeira publicação do *CLG*, em 1916; a segunda, a partir dos anos 20, cujo marco inicial é o Congresso de Haya, em 1928; a terceira, em que o *CLG* torna-se propriedade comum de linguistas, filósofos e antropólogos; finalmente, a quarta, a partir dos trabalhos de Robert Godel (1957) sobre as fontes manuscritas, seguidos dos trabalhos de Engler (1968-1974) e de Tullio De Mauro (1968), que geram pesquisas filológicas em torno do pensamento saussuriano.

Ora, em minha opinião, as excelentes observações feitas por Colombat, Fournier e Puech não podem ser diretamente aplicadas ao caso brasileiro. Vários motivos me levam a pensar assim.

Em primeiro lugar, porque a *recepção* do *CLG*, no Brasil, foi mediada por uma incipiente classe de linguistas pouco familiarizados com a pesquisa linguística geral. Quando o *CLG* começou a circular no Brasil, de forma ainda incipiente, havia poucas pessoas em condições de avaliar o valor das ideias saussurianas para a linguística, em geral, e para a linguística brasileira, em particular. Portanto, não podemos dizer que os linguistas no Brasil assumiram uma atitude “ativa” ou “reativa” ao *CLG*. Nem mesmo podemos afirmar que os linguistas brasileiros estabeleceram relação de *filiação*, *formação* ou *reação* ao saussurianismo. No máximo, podemos dizer que os linguistas brasileiros importaram alguma leitura de Saussure já feita, principalmente na França.

Em segundo lugar, porque o *CLG*, apesar de, também no Brasil, ser reconhecido como uma fonte da escola estruturalista por vários intelectuais (antropólogos, psicanalistas e filósofos), normalmente não é objeto de leitura em si. Por exemplo, na psicanálise, ouve-se dizer que Jacques Lacan opera uma releitura da obra freudiana a partir de Saussure, no entanto os psicanalistas brasileiros contentam-se em aceitar esse fato, sem retorno direto à fonte saussuriana. Em outros termos, é um Saussure visto pelos olhos de Lacan, de Lévi-Strauss que chega ao Brasil nos campos externos à linguística.

Em terceiro lugar, não podemos afirmar que a interpretação estruturalista feita no Brasil é semelhante à interpretação feita na França. É evidente que existe uma leitura estruturalista do *CLG* no Brasil, mas mesmo essa leitura é diferente da leitura estruturalista recebida na França. Nessa época, há, entre nós, certa mistura entre o estruturalismo europeu e o estruturalismo americano. O linguista Mattoso Câmara, um dos mais importantes do Brasil, por exemplo, quando escreve sua *Estrutura da Língua Portuguesa*, opera com conceitos advindos tanto de Saussure como de Bloomfield.

Finalmente, em quarto lugar, a tradução do *CLG* é tardia entre nós. E, no caso brasileiro, a tradução cumpre um papel importante de divulgação de ideias.

Em resumo, quando digo que o “contexto institucional e epistemológico” do Brasil é singular, quero dizer que esse contexto produziu uma leitura de Saussure, e muito especialmente do *CLG*, que tem implicações importantes para a história recente das teorias linguísticas brasileiras. E isso é específico do Brasil.

Eu acredito, em resumo, que podemos considerar que há no Brasil “duas recepções” de Saussure. A primeira, ligada à presença do *CLG* nos cursos de Letras no Brasil, incluindo, aí, a tradução para o português; a segunda, ligada à publicação da edição brasileira dos *Escritos de linguística geral*.

Sobre a primeira recepção, creio que o que eu expliquei até agora é suficiente para levar a concluir que Saussure e sua obra póstuma, o *CLG*, não obtiveram, no contexto brasileiro, notoriedade imediata. Além disso, é importante lembrar que, entre o final do século XIX e o início do século XX, três pontos eram cruciais para a problemática linguística no Brasil: a relação entre língua literária e língua popular, a unidade da língua portuguesa (considerando-se aqui Brasil e Portugal) e o estudo da língua materna. Esses pontos não foram tratados à luz da teoria linguística sincrônica saussuriana, mas a partir das perspectivas gramatical normativa, filológica e dialetológica/sociolinguística.

É esse contexto epistemológico que me leva a afirmar que Saussure – em sua, digamos, “primeira recepção” – não teve grande impacto no início da constituição da linguística brasileira. Ao contrário, penso que Saussure tem mais impacto na atualidade do que teve no passado.

Chegamos, então, à “segunda recepção” de Saussure no Brasil.

Sobre isso, penso que é possível ver que há, na última década, entre nós, um movimento de retomada do pensamento saussuriano. Esse movimento é, em minha opinião, motivado pela publicação de manuscritos e por estudos sobre a gênese das teorias linguísticas. Muito se tem dito, no Brasil, sobre a atualidade do pensamento saussuriano, excelentes trabalhos têm sido responsáveis por uma verdadeira efervescência em torno da obra de Ferdinand de Saussure. Não é exagero admitir que Saussure foi redescoberto pelos brasileiros.

Há uma leitura atual do pensamento de Saussure entre nós e essa leitura se tornou possível, em minha opinião, em função de três acontecimentos: a tradução dos *Escritos de linguística geral*, datada de 2004, a tradução do livro de Simon Bouquet, *Introdução à leitura de Saussure*, datada de 2000, e o aumento das relações institucionais e acadêmicas entre Brasil e França.

A tradução brasileira dos *Escritos*, ao contrário do que aconteceu com o *CLG*, foi praticamente imediata à publicação do livro na França. Com isso, eu gostaria de destacar que existe uma geração de jovens linguistas brasileiros que entrou em contato com os *Escritos* de forma quase simultânea à França, o que configura uma *recepção* de Saussure no Brasil muito diferente daquela que ocorreu com o *CLG*.

A publicação dos *Escritos* no Brasil possibilitou a busca de uma interpretação das ideias saussurianas menos ligada à tradição. Eu diria que o Brasil é, hoje, um produtor de pesquisas no campo da linguística saussuriana e isso se deve, em grande medida, ao acesso mais facilitado que a tradução dos *Escritos* permitiu.

Além disso, é importante reconhecer outro ponto: a tradução do livro de Simon Bouquet cumpriu um papel importante, para o bem e para o mal. O livro de Bouquet foi apresentado ao público brasileiro em 2000, portanto quase simultaneamente a sua publicação na França.

Em função disso, acredito que se pode considerar que a tradução do *CLG* não teve, no Brasil, o mesmo impacto que a tradução dos *Escritos*. O *CLG* não foi apresentado aos estudantes de linguística, na época de sua tradução, como uma obra fundamental, mas como uma obra já incorporada a um certo *déjà vu* da história das ideias linguísticas. Quase nunca paramos para avaliar as potencialidades que o *CLG* trazia, em si. Além disso, na década de setenta, já estavam consolidados outros estudos no Brasil, tributários da reflexão de Noam Chomsky, de um lado, e de Willian Labov, de outro.

Enfim, a publicação em português dos *Escritos* e do livro de Simon Bouquet, juntos, inauguram, no Brasil, uma nova visada sobre o pensamento saussuriano. Esse movimento já tem cerca de 15 anos. Na verdade, o que eu quero dizer é que a tradução dos *Escritos* teve um impacto muito maior do que a tradução do *CLG* e, inclusive, chega a ressignificar o *CLG*. Com a chegada dos *Escritos*, os linguistas brasileiros voltaram a ler o *Curso* e, assim, conseguiram ver no livro antigo coisas que não foram legíveis antes. Como eu disse antes, essa é uma interpretação bastante pessoal que tenho.

CK – Como as reflexões de Saussure podem contribuir para a formação do jovem linguista?

VALDIR FLORES – Eu creio que a resposta a essa questão é simples de formular e difícil de executar.

A facilidade se deve ao fato de Saussure ter proposto todas as grandes questões que, ainda hoje, norteiam o campo. É evidente que não se pode cobrar de Saussure que tenha solucionado todos os problemas que a linguagem apresenta aos que se interessam pela pesquisa na área, mas é certo que ele anteviu os temas transversais da linguística: as relações entre o sistema e o uso, o universal e o particular, a mudança e a transformação, o regular e o irregular, a gramática e o léxico, o social e o individual, a língua e a realidade, entre outros.

A dificuldade decorre de certa atitude – corrente ainda hoje na área – segundo a qual a linguística de Saussure, embora válida do ponto de vista histórico, é ultrapassada e, por isso mesmo, não teria valor prospectivo. Em outras palavras, segundo essa interpretação, Saussure não seria “operacional” hoje em dia; não poderíamos analisar a linguagem utilizando seu aparato teórico-metodológico na atualidade. Ora, essa atitude tem uma consequência grave: o Saussure que é ensinado nos cursos de graduação em Letras do Brasil ainda é um Saussure dicotômico, estruturalista e com pouco, ou nenhum, potencial de inovação atual.

Eu penso que o estudo rigoroso de documentos escritos antigos e de sua transmissão, para estabelecer, interpretar e editar esses textos, ou seja, a filologia saussuriana, tem fôlego suficiente

para, a partir do estabelecimento de parâmetros de comparação de manuscritos e edições, possibilitar a prospecção de um saber.

É isso que tem sido feito nos últimos tempos e, talvez, o jovem linguista possa se surpreender, e muito, com o que ainda virá do pensamento de um mestre cujos efeitos não cessam de produzir entre todos os que se interessam pela linguagem.

PROFESSORA CARMEM LUCI DA COSTA SILVA (UFRGS)

CK - As pesquisas que a senhora tem desenvolvido, especialmente sob uma abordagem enunciativa benvenistiana, abarcam dois grandes campos: o da aquisição da linguagem e o do ensino-aprendizagem de língua materna. Considerando que, em alguns desses trabalhos, a senhora refere Ferdinand de Saussure, pergunto: que efeitos a leitura do *CLG* e de outras fontes saussurianas produz em suas pesquisas atuais?

CARMEM LUCI DA COSTA SILVA – As pesquisas que tenho desenvolvido centram-se nos campos de aquisição da língua materna e de ensino-aprendizagem de língua materna, com a consideração dos discursos/textos que resultam das enunciações dos envolvidos nesses processos. Por isso, esses campos têm sido investigados a partir, principalmente, da perspectiva de linguagem de Émile Benveniste, linguista que manifesta ser um seguidor de Ferdinand de Saussure, conforme atestam algumas passagens de sua obra. Para ilustrar essa ideia, recupero uma dessas passagens, a presente no texto *A forma e o sentido na linguagem*, na página 224 da edição brasileira dos *Problemas de Linguística Geral II (PLG II)*: “Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema signifiante”. Por isso, Valdir Flores – colega de entrevista – pontua, no livro *Introdução à Teoria Enunciativa de Benveniste*, que o linguista sírio encontra em Saussure um “ponto de partida”, mas não se encerra nele.

No texto *Saussure após meio século* – produzido em homenagem a Saussure, após cinquenta anos de sua morte, e publicado na obra *Problemas de Linguística Geral I (PLG I)* – Benveniste lança a seguinte pergunta: “O que foi que Saussure trouxe à Linguística de seu tempo, e em que agiu sobre a nossa?”. Decorridos cinquenta e três anos da formulação de Benveniste, a pergunta lançada nesta entrevista, de certo modo, retoma a formulada por esse linguista: *como os fundamentos de Saussure têm agido sobre os estudos de texto, de aquisição e de ensino-aprendizagem de língua materna que tenho desenvolvido?*

Endereçando uma carta a Meillet, em 4 de janeiro de 1894, reproduzida por Benveniste nesse mesmo texto de homenagem, Saussure confessa estar desgostoso com o trabalho da Linguística de seu tempo e aponta a necessidade de mostrar ao linguista *o que ele faz*. Essa seria a

primeira tarefa da Linguística: mostrar ao linguista “o que ele faz”, a que operações preliminares se entrega quando aborda os dados linguísticos. Essa tarefa se desdobra no seguinte princípio enunciado no *Curso de Linguística Geral (CLG)*: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 15). Outras Ciências trabalham com objetos dados previamente. E a Linguística? Qual é o seu objeto? Essa é a questão lançada na abertura do *CLG*, no capítulo “Objeto da Linguística”.

A adoção de um ponto de vista para olhar nossos objetos é um modo de investigar a linguagem legado por Saussure e que Benveniste coloca em ação em cada abordagem: em *Os Níveis da análise linguística*, em *A forma e o sentido na linguagem*, em *A natureza dos pronomes*, em *Da subjetividade na linguagem*, em *O aparelho formal da enunciação*, em *A semiologia da língua* etc., para citar textos conhecidos do linguista, publicados em *PLG I e II*. Em *Os Níveis da análise linguística*, por exemplo, Benveniste discute a noção de fato linguístico e os critérios que o definem como tal; em *O aparelho formal da enunciação*, problematiza a diferença entre o “emprego das formas” e o “emprego da língua”, assumindo o segundo ponto de vista. Em seus textos, Benveniste problematiza um objeto e apresenta seu ponto de vista sobre esse objeto, com argumentos e fatos de linguagem que mostram um olhar sempre novo e renovado que reforçam o ponto de vista transversal à sua abordagem: o homem está na linguagem/língua.

Nas “trilhas” de Saussure e de Benveniste, os objetos “texto”, “aquisição e ensino-aprendizagem de língua materna” têm sido tematizados e problematizados nos trabalhos que desenvolvo a partir de alguns pontos de vista transversais: 1) da aquisição da língua materna pela criança ao ensino-aprendizagem de língua materna – do fundamental à Universidade – está implicada a instauração humana nos sentidos sociais da língua em uso nas distintas situações; 2) a interlocução é inerente à língua em uso; 3) forma e sentido estão integradas em todas as unidades (sejam nas formas aparentes – unidades segmentáveis –, sejam nas menos aparentes, caso de certas expressões vocais fugidias, que evocam sentidos). Se forma e sentido são noções gêmeas integradas em todas as unidades da língua, a integração dessas unidades no discurso é um trabalho que envolve quem está no centro dos atos de enunciação de produção vocal e escrita, de escuta e de leitura. O trabalho que procuro desenvolver talvez seja o de buscar os “vestígios” dos mecanismos envolvidos nos modos como a criança em aquisição e o aluno em situações de ensino-aprendizagem integram forma e sentido quando se deparam com a língua em emprego nos discursos presentes nas distintas práticas sociais.

Em algumas reflexões pontuais sobre aquisição da linguagem, tenho me inquietado com os princípios da linguagem, e, portanto, das línguas, produzidos por Saussure nas Conferências, presentes nos *Escritos de Linguística Geral (ELG)*: o de *mutabilidade* e o de *continuidade* da língua. Tais princípios têm me suscitado interesse, porque a aquisição da língua materna parece

ser o lugar privilegiado para observar o modo como esses princípios operam, a partir da analogia, a qual Saussure argumenta, nos *ELG*, ser um princípio que não cessa de acontecer na história das línguas e ser uma operação mais viva e mais fértil na criança, porque ela se vê obrigada a confeccionar, a cada instante, um signo.

Essa questão do fabricar/confeccionar língua também é problematizada por Benveniste no início da obra *PLG II*: “Cada locutor fabrica a sua língua, como ele a fabrica? Esta é uma pergunta essencial, já que ela domina o problema de aquisição da linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 19). Saussure, na página 140 do *ELG*, bem antes de Benveniste, antecipa a questão e a responde: “Ora, ela a fabricará sempre de acordo com o procedimento da analogia”. De fato, a criança, constantemente, produz novas formas a partir da associação com formas que conhece. Não se quer, com isso, estabelecer uma relação de equivalência entre as mudanças da língua no tempo com a aquisição de língua materna pela criança, mas considero interessante o fato de que a criança, como falante de sua língua materna, retém o funcionamento do sistema da língua a fim de produzir novas formas para se enunciar, reforçando o argumento saussuriano de que, em matéria de linguagem, o problema das origens não difere do das condições permanentes e de que os princípios de *mutabilidade* e de *continuidade* estão engendrados no funcionamento da língua. Trata-se, portanto, da “faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos”, argumento presente em passagem da página 18 do *CLG* e retomado na página 21, quando comparece a ideia de uma “faculdade de associação e de coordenação que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados”.

Está em jogo, portanto, a relação do falante com a língua, questão crucial de ser observada/estudada seja na aquisição de língua(s), seja na aprendizagem de língua(s).

Refletir sobre tais questões envolve a adoção de ponto de vista, como defende Saussure, e tal ponto de vista é determinado por uma teoria de linguagem que antecede às delimitações de nossos objetos de estudo, fato que corroboro com a formulação de Ducrot – presente na obra de 1989, *Logique, structure, énonciation: lectures sur le langage* –, que, inspirado no filósofo Duhem, defende que os fatos de hoje são construídos com as teorias de ontem. Os fatos que produzo hoje para tratar de aquisição e de ensino-aprendizagem de língua materna, com certeza, são efeitos da produção saussuriana. As belas e comoventes palavras de Benveniste, no final do texto em homenagem a Saussure, evocam a ideia de que a teoria da linguagem saussuriana, embora transformada no decorrer do tempo, ecoa nas diferentes correntes e escolas da Linguística: “[...] podemos dizer que Saussure cumpriu bem o seu destino. Além da sua vida terrena, as suas ideias brilham mais longe do que ele teria podido imaginar, e esse destino póstumo se tornou como uma segunda vida, que se confunde para sempre com a nossa” (BENVENISTE, 2005, p. 49).

CK – Ainda que Saussure não tenha delimitado o texto ou o discurso como seu objeto de teorização, é possível assinalar contribuições do mestre para os campos de estudos que os tomam como objetos?

CARMEM LUCI DA COSTA SILVA – A Linguística saussuriana apresenta-se como uma proposta de pensar a significação fora do quadro das semânticas clássicas, a partir da compreensão de que não há identidade possível para o signo fora do sistema, uma vez que toda a questão, para Saussure, está nas diferenças que os signos estabelecem dentro do sistema, não existindo um *a priori* possível à medida que o *valor* de um termo “resulta tão somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2006, p. 133). Para o linguista, aquilo que emana do sistema não são ideias dadas de antemão, mas sim *valores* “puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema” (SAUSSURE, 2006, p. 136).

De que modo as noções de *relação* e *valor*, desenvolvidas por Saussure, podem agir sobre uma Linguística que toma, como seu objeto de estudo e análise, a língua em emprego, materializada nos diferentes textos que são produzidos nas variadas situações de interlocução? Ora, se tomarmos o texto ou discurso como um sistema de termos/unidades em relação, somos automaticamente levados a adotar o ponto de vista de que o *valor* de um termo no interior de cada texto ou de cada discurso é resultante da presença simultânea de outros.

É com a adoção desse ponto de vista que tenho deslocado as abordagens de Émile Benveniste e de Oswald Ducrot para o campo de estudos do texto/discurso. Benveniste, em *A forma e o sentido na linguagem*, defende que “o sentido da frase é de fato a ideia que ela exprime; esse sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras” (BENVENISTE, 2006, p. 230). E salienta que cada palavra na língua-discurso não retém senão uma pequena parte do valor que tem enquanto signo. Trata-se aqui de uma passagem operada por Benveniste da língua-sistema de Saussure para a língua-discurso. Nessa passagem, a noção de valor comparece como a ação de uma palavra sobre outra no discurso a partir de sua sintagmatização, que, como escolhas de um locutor, implicam referência à situação de discurso e à atitude desse locutor.

Os estudos de texto/discurso com foco na Teoria da Argumentação na Língua (ANL) de Ducrot centram-se também na significação/sentido. Para o linguista, a significação contém instruções dadas àqueles que irão interpretar o enunciado da frase. Essas instruções comunicam o que deve ser feito para descobrir o sentido, que é particular a cada vez que uma frase é atualizada em enunciado. O sentido, enquanto valor semântico do enunciado, é produzido quando são obedecidas as indicações dadas pela significação da frase, cuja natureza é instrucional, aberta.

Ao defender que o enunciado/discurso apresenta indicações de sua enunciação, Ducrot argumenta que o sentido de um enunciado refere a sua enunciação, apresentando indicações sobre o fato de sua aparição. E o valor dessa aparição está ligado às relações argumentativas que ligam os enunciados, os segmentos no interior dos enunciados e as próprias palavras no interior de cada discurso. Por isso, Ducrot, ao defender que “a argumentação está na língua”, axioma presente em várias fases de sua teoria enunciativo-argumentativa, mostra que o discurso é doador de sentido, porque as palavras e suas relações no fio do discurso, como escolhas linguísticas do locutor, argumentam.

Por isso, em sua concepção de argumentação, o linguista propõe-se a unificar os aspectos objetivos, subjetivos e intersubjetivos envolvidos no uso da língua, pois a atitude do locutor diante da realidade (aspecto subjetivo) e a convocação que faz ao interlocutor (aspecto intersubjetivo) estão unificados no valor argumentativo das palavras no discurso, que já carregam, da língua, instruções de significação. Enunciar, assim, para o autor, é um acontecimento ligado ao aparecimento de enunciados/discursos, que carregam, nas unidades atualizadas, uma argumentação já inscrita na língua e a posição do locutor sobre o que enuncia. Nessa linha, a língua possibilita um lugar de debate entre seus interlocutores, e produzir discurso implica impor ao outro um modo argumentativo particular de apreender o mundo, questões implicadas na natureza argumentativa da linguagem.

O trabalho de Ducrot e colaboradores, fundamentado também nas noções saussurianas de *valor* e de *relação*, possibilitam estudos de texto/discurso, com a exploração da argumentação por um ponto de vista linguístico, e não retórico, como tradicionalmente a argumentação é tratada no campo textual. Nessa abordagem, por exemplo, os implícitos de um texto/discurso podem ser depreendidos a partir de itens lexicais atualizados e relacionados com outros no fio do discurso.

Considero que Saussure projetou pontos de vista para o tratamento da língua em emprego como lugares de continuidade e de diferença, mas não de rupturas. Nessa continuidade, as análises enunciativas e argumentativas, por exemplo, priorizam mais o modo como os elementos de um discurso estão relacionados, organizados, sintagmatizados para produzir determinados sentidos do que propriamente o conteúdo do dito. Em outros termos, as abordagens enunciativas preocupam-se, para fazer uso de uma expressão do próprio Benveniste, em “ver como o sentido se forma em palavras”, o que implica dar destaque ao agenciamento de palavras, à sua organização sintática, à ação de umas palavras sobre as outras, ou seja, ao processo de sintagmatização e ao encadeamento de itens lexicais, como defende Ducrot. Como consequência disso, as abordagens de texto – oriundas desses autores, como as que tenho realizado – enfatizam que a ação de uma palavra sobre outras aponta para sentidos particulares produzidos por quem se enuncia.

Portanto, essas teorias ensinam a nós, estudiosos do texto e interessados no ensino de língua materna, que devemos considerar mais os efeitos de sentido que o locutor produz ao enunciar e o fato de dizer o que diz – da maneira como o diz – do que aquilo que efetivamente é dito. E aqui a noção de valor em Benveniste relaciona-se com as de sintagmatização, de agenciamento e de arranjo de formas no discurso. Já em Ducrot vincula-se às ideias de orientação argumentativa e de relação entre entidades lexicais/segmentos, uma vez que os sentidos argumentativos são constituídos por elementos que se encadeiam.

Com Benveniste e com Ducrot, considero as noções de *relação* e de *valor* – herdadas de Saussure e deslocadas para o estudo da significação e do sentido da língua em emprego – como centrais para o estudo dos sentidos em textos e discursos. Por isso, com os autores, defendo, reservadas as especificidades relativas à perspectiva teórica de cada um, que a existência da forma encontra-se intrinsecamente atrelada ao sentido na relação língua-discurso, revelando a atitude/posição de um locutor que busca, a cada experiência humana de estar na linguagem via discurso, a relação primordial, constante, indefinidamente reversível com um parceiro, inseridos em uma dada sociedade.

CK – Como as reflexões de Saussure podem contribuir para a formação do professor de língua materna?

Em todos os princípios presentes na obra de Saussure, em que o foco recai na língua, encontramos o pressuposto de que estudar a língua não equivale a tratá-la como uma nomenclatura. Deslocando a teorização sobre língua proposta pelo linguista para o estudo de uma língua particular, como a Língua Portuguesa, constatamos um fundamento central para o professor, que não deve se prender a classificações e a etiquetas de objetos previamente estranhos ao funcionamento da língua. A formulação da concepção de sistema e, atrelado a ele, a de valor, faz-se necessária para o empreendimento metodológico de um professor que busca estudar a língua a partir da relação que seus elementos (fonológicos, morfológicos, sintáticos...) estabelecem no interior do sistema, pois, como comparece no *CLG*, o lugar da língua nos fatos de linguagem é a de um tesouro constituído pela prática de fala por todos os indivíduos de uma mesma comunidade, um sistema gramatical, que existe virtualmente no conjunto da massa falante. Nesse sentido, pensar texto e gramática como sistemas é um princípio basilar para um ensino de língua materna mais científico e menos intuitivo.

Na realidade de ensino brasileiro, os professores ainda encontram dificuldades em estudar as formas linguísticas como relacionadas e a partir do contexto em que comparecem. Por isso, centram-se na descrição e na classificação de formas. Embora presentes em textos e discursos, acabam sendo desconsiderados os valores que tais formas recebem do contexto de que fazem

parte. Nessa direção, tenho apostado nas abordagens enunciativas de Benveniste e de Ducrot, deslocadas para o estudo do texto, como produtivas referências teórico-metodológicas para o professor que ambiciona fazer seu aluno enxergar a língua como um processo intersubjetivo e produtor de sentidos a partir de formas em relação, e não como um mero instrumento com formas, dotadas de nomenclaturas com sentidos prévios. Talvez seja fundamental nós, professores de Língua Portuguesa, deslocarmos a problemática de Saussure acerca da tarefa do linguista (“o que faz o linguista?”) para o nosso contexto: o que faz um professor de língua materna? Como os fundamentos saussurianos podem alicerçar um ensino de língua materna centrado na língua em emprego e que relacione texto e gramática? Penso que as respostas a essas questões poderão produzir efeitos importantes em sala de aula.

Referências

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

FLORES, Valdir. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.